

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“Civilizar” e “Aperfeiçoar”: Debates e projetos para a modernização da Nação

Teresa Cribelli*

Resumo:

O presente trabalho é uma análise preliminar de uma seleção de termos de “modernização” utilizados por brasileiros do século XIX. As palavras *aperfeiçoar* e *civilizar* revelam o conservadorismo das elites brasileiras no tocante à adoção de tecnologias “modernizadoras”. Políticos, cientistas e fazendeiros brasileiros estavam bem informados acerca das novas tecnologias produzidas nos Estados Unidos e na Europa. No entanto, na sociedade, muitos temiam os efeitos que tais inovações poderiam ter sobre a ordem social. Queriam “modernizar” sem pôr em risco suas posições privilegiadas. De onde emergiu este conservadorismo? Como estas atitudes, conforme revelado por este vocabulário, moldaram o processo de modernização no Brasil do século XIX?

Palavras-chave: Modernização, Tecnologia, Sociedade.

Abstract: This paper is a preliminary analysis of a selection of the terms of “modernization” utilized by nineteenth-century Brazilians. The words *aperfeiçoar* and *civilizar* reveal the conservatism of Brazilian elites in regards to the adoption of “modernizing” technologies. Brazilian politicians, scientists, and fazendeiros were all well informed about new technologies being produced in the United States and Europe, but many in society were fearful of the effects such innovations might have on the social order. They wanted to “modernize” without endangering their privileged positions. From whence does this conservatism emerge? How did these attitudes, as revealed in this vocabulary, shape the process of modernization in nineteenth-century Brazil?

Key Words: Modernization, Technology, Society.

*“With latest connections, works, the inter-transportation of the world,
Steam-power, the great express line, gas,
petroleum
These triumphs of our time, the Atlantic’s
delicate cable,
The Pacific railroad, the Suez Canal, the
Mont Cenis and Gothard & Hoosac Tunnels, the Brooklyn Bridge
The earth all spann’d with iron rails,
with lines of steamships threading every sea...”
Walt Whitman, “Song of the Exposition”¹*

¹* Doutoranda pela Universidade de Johns Hopkins, Maryland, E.U.A., bolsista Fulbright.

"Com as últimas conexões, obras, o inter-transporte no mundo, O motor a vapor, a grande linha expressa, gás, petróleo Estes triunfos de nosso tempo, o delicado cabo do Atlântico, A estrada de ferro do Pacífico, o Canal de Suez, os túneis dos Montes Cenis, Gothard e Hoosac, a Ponte do Brooklyn, A Terra toda traçada com trilhos de ferro, com linhas de navios a vapor cruzando todos os mares..."

“Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente... Aquê vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou...”

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas

Este trabalho apresenta reflexões provisórias e iniciais para o desenvolvimento de um projeto de dissertação sobre o processo de modernização no Brasil entre os anos de 1850 e 1889. Uso o termo “modernização” (uma palavra reconhecidamente do século XX) para me referir às mudanças sociais e econômicas, em um conceito mais amplo, ocorridas nas sociedades humanas no século XIX. Quanto a isto, a modernização tem várias facetas, seja o acúmulo de capital e o aumento da industrialização, ou o surgimento de um conceito de uma sociedade de massa ou civil uniforme e das inovações institucionais e sociais que serviriam a suas necessidades coletivas (ou seja, a educação pública). É no âmbito desta abrangente matriz que me proponho a identificar e situar um discurso brasileiro de modernização. Busco saber qual era a linguagem da “modernização” na sociedade brasileira. O quê este vocabulário nos revela acerca das atitudes subjacentes quanto à modernização? Como um país situado na periferia das revoluções econômicas e sociais do século XIX reage às tecnologias que surgem no “epicentro” da Europa e dos Estados Unidos?

Neste sentido, buscar compreender o real significado da linguagem utilizada torna-se elucidativo para dar início aos questionamentos da pesquisa. Compreende-se assim a forma como a própria sociedade pensava seus projetos, a luz de seu próprio tempo.

É claro que brasileiros do século XIX não falavam necessariamente em termos de “modernização”; seu vocabulário era, com frequência, bem diferente. Palavras como “civilizar” e “aperfeiçoar” aparentam ser importantes; são utilizadas repetidamente em publicações diversas do século XIX, desde *O Auxiliador da Indústria Nacional*, e a *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, ao *O Jornal do Commercio*, e inúmeras outras publicações do governo e particulares. O presente trabalho pretende explorar o significado que se pode depreender destas escolhas de palavras. O quê elas podem nos dizer acerca da sociedade que as utilizava?

O primeiro termo, *aperfeiçoar*, foi utilizado especialmente em relação a equipamentos agrícolas. O verdejante cenário tropical do Brasil foi uma das razões pelas quais as elites recorreram à agricultura “científica” como uma base de riqueza e a melhor maneira de se construir uma economia moderna; viam a introdução ou invenção de “*máquinas*

aperfeiçoadas” como a solução para a escassez de mão-de-obra do Brasil e a maneira mais eficaz de se utilizar seus recursos naturais. O uso de *aperfeiçoar* pode refletir, em parte, o fato de que as primeiras máquinas normalmente vinham do exterior; tinham que ser adaptadas às condições e restrições locais.² A *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional* fornece um exemplo deste termo:

“...esta bella e mais importante parte da antiga monarchia portugueza em pouco tempo deveria tomar grande desenvolvimento, entrando em relações directas com as nações cultas, e, demais, convencido do muito que ganharíamos, já estudando e conhecendo as immensas riquezas com que nos brindou o Creador, já bem aproveitando a espantosa fertilidade do solo brasileiro, para o que não podíamos dispensar a introduccão de máquinas aperfeiçoadas e de novos processos [de cultivacão], lembrou-se, em 1816, de crear um sociedade que tivesse por fim especial tratar de objectos que tão de perto nos interessa.” (*O Auxiliador da Indústria Nacional*, Janeiro de 1878, n. 1: 18)³

Aperfeiçoar, segundo a definição do oitocentos, citada no *Diccionario da Língua Portuguesa*, significa “acabar de tudo, com perfeição, polir, consummar”.⁴ (SILVA: 1831) A definição não sugere a criação de algo novo, inovação pela inovação em si. Ao contrário, aponta para a idéia de tomar o que já existe e aprimorá-lo, torná-lo completo; sugere uma idéia formada anteriormente que é perfeita em si mesma - e uma realidade material que necessita apenas de um alinhamento a ela por meio de cuidadosos ajustes e experimentações.⁵ As “*máquinas aperfeiçoadas*” descritas nas páginas de *O Auxiliador da Indústria Nacional*, não eram revolucionárias no sentido de mudar as fundações subjacentes da sociedade, mas eram feitas para “melhorá-las”, para fazer com que as estruturas existentes funcionassem com mais eficácia. Esta abordagem cautelosa em relação às novas máquinas da época sugere, na sociedade brasileira do século XIX, um temor subjacente quanto à rápida inovação. Esta dinâmica é ilustrada na seguinte carta de um “fazendeiro de espírito inculto” que desejava ver a introdução das ferrovias no estado do Rio de Janeiro:

“Lembra-me, Sr. Redator, quantas dificuldades não suscitou entre nós a empresa da navegação por vapor: era nova, era nascente; parecia tambem um bicho de sete cabeças: para nós era muito cedo ainda; entre nós não podia essa empresa produzir por então resultado algum...E todavia consultem-se os factos: o vapor está admittido entre nós como meio de navegação; e taes são os beneficios que delle nós hão resultado ao commercio, á facilidade de das communicações, que ninguém há, sensato, que não abençõe os primeiros empresarios que para entre nós transplantarão o uso

² Por exemplo, um anúncio de “*Debulhadores de Milho Aperfeiçoados*” alegava que estas máquinas eram leves e facilmente transportadas por mulas e, portanto, interessante para os *fazendeiros* que viviam no interior. Como se sabe, a dificuldade de transporte era um grande obstáculo para o deslocamento de equipamentos de grande porte neste período. *Jornal do Commercio*, 7 de Janeiro de 1853, p. 4.

³ Artigo originalmente impresso em *O Auxiliador da Indústria Nacional*, na década de 1830.

⁴ SILVA, ANTONIO DE MORAES DE. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Impressão Regia, 1831.

⁵ Compare esta retórica com a do poeta norte-americano Walt Whitman. Para Whitman, as máquinas abriam horizontes sem limites; os futuros expandidos que as novas tecnologias trariam podiam ser imprevisíveis, mas sempre se esperava que fossem positivos. Vide “*Song of the Exposition*”, de Walt Whitman.

desse poderoso elemento de tão rápida navegação...” (Jornal do Commercio, 11 de Maio de 1849: 1)

Nosso *fazendeiro inculto* apresenta uma mentalidade progressivista não freqüentemente associada a membros de sua “classe” por historiadores que estudam o Brasil. No entanto, o que é importante para a presente análise não é seu “progressivismo”, mas o medo da inovação e o conservadorismo que atribui à maioria de seus pares. A relutância de seus compatriotas em construir ferrovias foi semelhante à sua resistência inicial quanto à introdução dos navios a vapor. Não obstante, os últimos tiveram uma influência positiva sobre a sociedade e, segundo prevê, as primeiras também o terão. Seria fácil compartilhar a atitude de desaprovação de nosso *fazendeiro* em relação a seus pares, desconsiderá-los por serem retrógrados e obtusos, mas este conservadorismo deve ser contextualizado. O Brasil do século XIX era uma sociedade escravocrata na qual os brancos estavam cercados de escravos e populações miscigenadas livres. Os proprietários de escravos viviam sob a sombra da Revolução do Haiti; eles viram o perigo que, segundo sua perspectiva, a introdução de novas idéias podia apresentar para a ordem social. Além disso, nossa carta data de 1849; convém lembrar a rodada de revoluções que balançaram a Europa em 1848 e a reação política dos que estavam no poder. A questão que deve ter tirado o sono da elite brasileira (uma questão cujo resultado era incerto) era a seguinte: a inovação poderia ser explorada sem fundamentalmente minar a ordem social? Estes *fazendeiros* não eram necessariamente seguidores comprometidos da “religião” do liberalismo ou do progressivismo; seu objetivo principal era lucrar. Como obter lucros do sistema que herdaram? Como perpetuar este sistema que funcionava bem para eles? Como controlar os resultados da inovação?

O fato de proprietários de escravos brasileiros viverem com o medo constante de uma rebelião de escravos, sobretudo após os recentes acontecimentos no Haiti (vem à mente a imagem de um barco a remo em um mar revolto) fica bem aparente no seguinte texto:

“Não nos iludamos. Há em todo escravo um só sentimento, uma só idéia firme, o rancor e a sede de vingança contra a gente livre...logo que o ensejo lhe fôr propicio esse sentimento fará erupção: e qual outro mais próprio do que a emancipação rápida de cinco milhões [obs.: correção manuscrita no texto lista 1.500.000 indivíduos], que só almejam o momento de ajustar contas a respeito dos barbaros castigos inventados pelos colonos portugueses.” (DUROCHER, 1871: 8)

A autora, uma enfermeira francesa, que trabalhara como parteira da Princesa Leopoldina, aconselha que “civilizar” escravos através da educação era uma forma de transição dos abusos da escravidão colonial portuguesa “retrógrada” sem, em última instância,

alterar a hierarquia social estabelecida por este mesmo sistema.⁶ Sua proposta almejava educar escravos e ex-escravos para que aceitassem um papel mais leve na sociedade, apesar de ainda subordinado. Ela sugere o uso de uma nova terminologia:

“...insistimos na mudança do título de escravo para subordinado e de senhor para o de superior...O filho do subordinado é livre pelo simples facto de ser brasileiro; o senhor ou superior será o tutor natural dos filhos de suas subordinadas e sujeito aos deveres e encargos da tutoria...” (DUROCHER, 1871:13)

“Civilizar”, para Durocher, significava uma ordem social mais gentil, mais suave, porém, uma ordem que ainda delineava claramente uma hierarquia, com as famílias brancas instaladas no topo – a única mudança importante era que em vez de manutenção pelo chicote, esta ordem seria mantida por um tipo de paternalismo benigno.⁷ É claro que esta idéia de orientação protetora já fora prometida antes. As justificativas originais para se escravizar os africanos tinham natureza ostensivamente tutelar; esta relação era justificada por fontes tão diversas quanto Aristóteles e Antonio Vieira. “Civilizar”, para Durocher, significava pôr em movimento um processo, no qual, escravos emancipados aceitavam, com amor e graça, sua subordinação. A autora de maneira alguma sugere uma reversão ou transformação desta hierarquia subjacente ou dos mecanismos sociais e econômicos que a motivam. Seria mais um retiro em um paternalismo esperançoso do que um programa concreto para reforma.

Outro plano fantástico para “civilizar” o Brasil pode ser visto no seguinte exemplo extraído da *Revista Agrícola do Instituto Imperial Fluminense de Agricultura*. O artigo propõe civilizar a terra e sua população pobre através da introdução de bosques de eucalipto. O eucalipto, como se sabe bem, exige muito do lençol freático, e até hoje é usado para limpar pântanos e zonas úmidas. O texto propõe que o plantio de eucalipto não iria apenas drenar os miasmas infecciosos das áreas pantanosas, mas este processo também levaria à purificação mágica da população local (talvez devido ao aroma do óleo de eucalipto) e a tornaria mais receptiva às energias civilizatórias de seus superiores:

“Sua constituição física depauperada, seus ventres bojudos, pernas de côr pardacenta, membros infiltrados, tudo desaparecerá em pouco tempo a vida e a saúde se manifestarão por seus caracteres próprios, [torna-se] não aptos para adquirir uma civilização vantajosa, desaparecendo essas raças meio selvagens que são o opprobrio da humanidade.” Revista Agrícola do Instituto Imperial Fluminense de Agricultura, Junho de 1874: 28

⁶ Durocher não é brasileira, no entanto, sua intimidade com a corte e com políticos importantes da época torna seu texto útil por refletir as atitudes dos que a cercavam. É interessante notar que esta publicação foi dedicada ao conservador Barão de Cotegipe.

⁷ Para uma discussão mais detalhada sobre a idéia de se “civilizar” escravos e escravos emancipados pela educação, vide “FONSECA, M.V. *A Educação dos Negros: Uma Nova Face do Processo de Abolição da Escravidão no Brasil*. Brangaça Paulista: Edusf, 2002.

Isto parece claramente absurdo para observadores dos dias de hoje – mas, de maneira importante, remete ao argumento de Durocher – cada autor busca retratar-se como o reformador dos males da sociedade sem examinar detalhadamente quais são estes males. Um de nossos autores espera que uma mudança de vocabulário cause uma reversão de atitude ou posição; o outro recorre a árvores importadas para purificar, de maneira mágica, sua população miscigenada e transformá-la em trabalhadores áridos, saudáveis e “civilizados”.

Nosso exemplo final demonstra como o próprio terreno era um “personagem” a ser civilizado. Percebe-se, nos escritos deste período, tanto uma reverência à abundância natural do Brasil quanto um medo de seu “aspecto selvagem”. O seguinte poema ilustra a alegre submissão das florestas tropicais brasileiras às forças civilizatórias da tecnologia, neste caso, a ferrovia:

“A locomotiva no Brazil

As montanhas, quando eu passo,

Me saúdam na passagem,

O riso cala na margem

Hinos de queixa e do amor

Tudo se expande me vendo

No seio da natureza:

A ave, a fera surpresa,

O ninho, a cratera, a flor

Na Vertigem da carreira

Dansão-me os gênios das matas;

Os cedros, as cataratas,

A cobra, a onça, o jaguar.

Na minha historia brilhante

Luz e trabalho resumo;

N'este penacho de fumo

Que arremesso para o ar.

(Gazeta Acadêmico, Ano I, 22 de Janeiro de 1873: 13)

Apesar de a palavra “civilizar” não ser empregada diretamente aqui, seu significado fica implícito neste texto. As cobras, onças, jaguares e os “índios dançantes” brasileiros, todos reconheceriam o “brilho” da locomotiva quando esta passa pela floresta. O próprio terreno se ofereceria de bom grado, à semelhança dos escravos de Durocher, a uma transformação mágica realizada pela fumaça do motor a vapor da locomotiva. Neste contexto, observam-se similitudes com o conceito norte-americano de *Destino Manifesto*.⁸

Que fazemos com estes poucos e pequenos exemplos de um discurso mais amplo que se desenvolveu por um período de cinquenta anos ao longo do oitocentos? Minhas primeiras

⁸ As imagens retratadas neste poema tiveram eco em uma pintura de John Gast chamada Progresso Americano (*American Progress*). Nesta obra os nativos e os animais selvagens fugiam da chegada dos colonos e das linhas de telégrafo. Vide <http://www.csub.edu/~gsantos/img0061.html>.

observações mostram que as elites brasileiras, durante o período Imperial, estavam bem conscientes das inovações da Europa e dos Estados Unidos, mas eram mais cuidadosas quanto à adoção de tais tecnologias. Seu cuidado, vale ressaltar, era, em parte, baseado em uma escassez de capital. Mais importante, no entanto, é o fato de os brasileiros estarem preocupados com os efeitos não-controlados que tais transformações poderiam desencadear. Podemos, naturalmente, entender suas decisões como uma tentativa de ampliar a duração da escravidão ou de aumentar os lucros que com ela obtinham, e não estamos totalmente equivocados ao fazê-lo. Mas o julgamento ético que emana desta observação não pode preceder uma tentativa consciente de entender as escolhas que acreditavam estar fazendo; a prosperidade dos dias de hoje também contém suas próprias formas de exploração, opressão, e expropriação. As gerações futuras, sem dúvida, verão nossas falhas com mais clareza do que as vemos. Os termos “*aperfeiçoar*” e “*civilizar*” revelam, nas entrelinhas, as restrições atuantes sobre as elites brasileiras ao lidar com a modernidade.

Bibliografia:

DUROCHER, M.J.M, *Idéias por Coordenar A Respeito da Emancipação*. Rio de Janeiro: Tip. Diário do Rio de Janeiro, 1871, p. 8.

SILVA, Antonio de Moraes de *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Impressão Régia, 1831.